

**RÉPLICAS E REFLEXOS EM UMA CRÔNICA DE
JUAN VILLORO. ACERCA DE
8.8: *EL MIEDO EN EL ESPEJO***

Miriam V. Gárate
miriam_garate@yahoo.com.br

Num artigo sobre *Réplicas*, romance do escritor chileno Nicolás Poblete publicado em 2004, Diamela Eltit propõe uma ética da leitura cuja validade excede seu objeto pontual de interpretação.¹ Seria necessário pensar como, ela sustenta, “os gestos literários podem inscrever-se na trajetória incerta que marca o presente capitalista. Um presente politicamente debilitado, para favorecer a espetacularização do que entendemos por realidade [...] forma discursiva que arrasa os dilemas” (ELTIT, 2008, p. 166), propiciando a renúncia de toda revisão crítica. Nesse horizonte, ela continua, “a pergunta mais pertinente [...] reside em como manipular a noção de tradição literária para pensar, precisamente, os movimentos da escrita em relação com os formatos que a tornam possível” (2008, p. 166), dado que os textos fazem parte de uma comunidade ou um território material da letra e que a literatura constitui, em grande medida “um amplo e perseverante diálogo histórico – a partir da tensão, da intenção ou da cercania – entre práticas

¹ A resenha sobre o romance de Poblete consta no *Proyecto Patrimonio* de www.letras.s5.com. *Página chilena al servicio de la cultura*, ano 2006, com o título de “Va a temblar”. Posteriormente foi incluída no livro *Signos vitales. Escritos sobre literatura, arte y política* (2008). Cito a partir dessa última versão. A tradução para o português é minha em todos os casos, salvo indicação em contrário.

literárias que se estabelecem e se expandem [...] mediante um conjunto de técnicas nas quais não se renuncia ao retalho, ao fragmento e inclusive à reescrita da escrita” (2008, p. 166).

É a partir disso que Eltit se refere ao romance de Poblete como uma “estrutura narrativa ‘vacilante’, que se torna simétrica com respeito ao título” (2008, p. 167). Renunciando à “linearidade argumental” em benefício da “multiplicidade de cenas” e dos “gestos inconclusos”, o texto de Poblete replica um conjunto de motivos já textualizados pela narrativa chilena: o menino-monstro, presente nos escritos de Prado, Droguett e Donoso, que retorna agora através de Carlos, o filho macrocefálico de Ana; a relação entre novas tecnologias e a escrita, motivo integrado à ficção por meio da mãe que escreve e que possui uma dupla memória, a dela própria e a do computador; e, por fim, o dilema natureza/cultura, aludido mediante a disseminação de elementos ou referências que flutuam e colidem no romance (a menção constante a Chillán e Osorno, territórios sedes de grandes sismos, a recorrente presença de animais que transtornam o pacto cultural etc.). Esse conjunto de elementos replicados pode ser atribuído a uma “matriz escamoteada” que, não obstante, dissemina seus signos e constitui o “nó político” aludido pelo texto: “por debaixo, enquanto suporte territorial, se estende o golpe de Estado chileno à maneira de um terremoto que invadiu a totalidade da geografia nacional, afetando com seu sismo histórico os corpos e seus devires sociais” (ELTIT, 2008, p. 169).²

A noção de réplica posta em cena pela leitura de Eltit transita por uma “dupla trilha de sentido” em consonância com os significados do termo estabelecidos no dicionário; oscila entre a réplica-reverberação, de um lado: eco, laço de parentesco, analogia, semelhança (cujo paroxismo no plano artístico seria a repetição, a réplica-cópia); e a réplica-resposta, de outro: questionamento, divergência, discrepância, impugnação (o

² A associação sismos naturais/sismos sociais e políticos, o transporte metafórico de um a outro, é uma figura frequente que exigiria um estudo pormenorizado. Menciono tão somente a título de exemplos recentes vinculados ao terremoto chileno de 2010, o texto da própria Diamela Eltit, “Política del temblor” (*El País de España*, 8/5/2010) e a crônica de Rafael Gumucio, “Santiago, una mañana cualquiera de 2011 (Coaching ontológico)”, incorporada à versão corrigida e aumentada de sua *Historia personal de Chile. Los platos rotos: de Almagro a Bachelet* (2014). O artigo de Eltit recupera o terremoto de 2010 no marco da derrota da Concertación (representada pela candidatura de Bachelet) nas eleições 2009-2010 e da passagem de mando a Piñera. Gumucio, por sua vez, relaciona o terremoto de 2010 com os protestos estudantis de 2011.

direito à réplica que, como lembra a autora, supõe uma correlação estreita com o antecedente ou discurso prévio contestado). Trata-se de um arco de significações móvel, instável, em que um extremo pode devir seu ‘contrário’.³

As considerações realizadas por meio deste desvio (mas o dicionário informa que “desvio”, em engenharia de minas, é o “cruzamento de um veio de material com outro”) são válidas para pensar um livro que estabelece vínculos com os sismos naturais, históricos, sociais e literários evocados no artigo de Eltit, bem como com outros sismos. Refiro-me a 8.8: *El miedo en el espejo* (2010), texto sobre o terremoto acontecido no Chile em 27 de fevereiro de 2010, escrito pelo mexicano Juan Villoro, que estava na cidade de Santiago participando do *Congreso Iberoamericano de Lengua y Literatura Infantil y Juvenil*, organizado pela editorial SM.

I

Começo pelo exercício de (auto)definição de um texto no qual à primeira vista prevalece a heterogeneidade de gêneros: nem reportagem, formato explicitamente negado apesar da presença de estratégias nas quais que se podem identificar traços do jornalismo investigativo;⁴ nem testemunho individual, já que se recolhem e transcrevem múltiplas vozes em suportes variados (trechos de artigos publicados por conhecidos ou amigos na imprensa ou em blogs, mensagens de celular e de Twitter etc.). Tampouco autobiografia, não obstante o movimento zigzagueante e recorrente de lembranças pessoais, tanto familiares quanto literárias, de infância, adolescência, juventude, maturidade, e o vislumbre da velhice que se avizinha – momentos vividos que se cristalizam em torno da figura paterna com a qual se abre e, por metonímia, se fecha o texto (“Meu pai sempre dormiu de pijama” (VILLORO, 2010, p. 15) é a primeira frase; “Soube o que Laura tinha me dado de presente. Com efeito: um pijama” (p. 113), a última). Nem ensaio literário (apesar do inegável exercício reflexivo desenvolvido ao longo do ‘capítulo’ dedicado ao romance de Heinrich

³ Uso aspas simples nos casos de realce ou destaque de palavras para diferenciá-las das citações.

⁴ “Não é a reportagem de um país que se fraturou na sua zona sul nem de uma capital que resistiu de forma admirável” (VILLORO, 2010, p. 20).

Von Kleist (1777-1811) (intitulado *O terremoto do Chile*, de 1807); nem ensaio sociológico (embora as considerações do ‘capítulo’ *Los habitantes de Claustropolis* e as menções a Virilio ou ao antropólogo Durban, entre outros, que constam ali, se aproximem desse formato). Rechaçando estabelecer-se em quaisquer dessas zonas discursivas e deslocando-se de uma a outra, Villoro dá forma a um discurso movediço, instável, trêmulo do ponto de vista dos modos e dos sujeitos enunciativos, das coordenadas espaçotemporais (voltarei de imediato sobre este último aspecto), ao qual opta por denominar “crônica em fragmentos” (p. 20), alertando o leitor de antemão, no prólogo, sobre a renúncia a qualquer tentativa de recuperação “integral” – o que não deve ser confundido com a renúncia a uma busca de unidade na dispersão e de direção na descontinuidade. Apesar da pluralidade (de formas, tons, referências, lugares, idades) e do caráter fortemente digressivo, o texto transita do *Prólogo* ao *Epílogo* – do pijama ao pijama. Entre um pijama e o outro, as circunstâncias prévias à viagem a Santiago (*El país de las primeras ocasiones*); o conjunto de sinais que antecedem o sismo (“¿Aquí hay temblores, no? Premoniciones”); o informe lacônico, ‘neutro’, quase cartorial de *Lo sucedido*, ao qual sucede por sua vez, de modo contrastante, o testemunho íntimo dos “minutos eternos” que durou o terremoto, bem como dos dias posteriores (*El sabor de la muerte*) e a (re)escrita do ‘mesmo’ em outra chave (o episódio *Ella duerme*, no qual se narra “a história real” de um casal chileno, sua separação e o estado de coma que acomete à mulher já residindo em outro país, hiato e cifra do livro que torna esse estado liminar uma alegoria da experiência do sismo). Depois, a (re)coleção de palavras, gestos, atitudes e impressões de algumas pessoas/personagens que a casualidade reuniu naquele congresso e naquele hotel (“*Estoy acá*” “¿*Acá dónde?*”) e as instâncias que ensaiam uma reflexão mais ampla (*La abolición del azar*, meditação sobre “a moral e o destino” a partir de Von Kleist e *Algunas conclusiones. Los habitantes de Claustropolis*, já mencionados).⁵ Perpassando todos esses fragmentos, reverberando uma e outra vez, o retorno de outro sismo neste, a réplica

⁵ Enumero de forma ininterrupta os títulos de cada uma das partes de *El miedo en el espejo* citados no corpo principal do trabalho: *Prólogo*; *El país de las primeras ocasiones*; “*Aquí hay temblores ¿no?*” *Premoniciones*; *Ella duerme*; “*Estoy acá*” “¿*Acá dónde?*” *Rélicas*; *La abolición del azar*. *Heinrich Von Kleist: Moral y destino*; *Algunas conclusiones. Los habitantes de Claustropolis*; *Epílogo. Un regalo*. A fim de favorecer a fluidez da leitura, optei por traduzir ao português todas as citações e manter em espanhol unicamente os títulos e subtítulos das obras.

do terremoto mexicano de 1985 no terremoto chileno de 2010: “A escritura escolhe suas distâncias. [...] Tive que ir até o fim do mundo para encontrar outra ‘primeira ocasião’: a de falar da terra que se abre” (2010, p.113), afirma Villoro na última página.

Com efeito, embora a menção aos tremores desponte tão cedo como os pijamas, a ética do *boudoir* que suscita, a literatura infantil e a literatura sem mais ou a amizade (Villoro refere no prólogo o terremoto de 1979, época na qual dividia um minúsculo apartamento com Francisco Hinojosa;⁶ o do ano seguinte, que marca a estreia de Villoro como autor editado; o romance de sua autoria *Materia dispuesta* (1996), cujo protagonista nasce durante o tremor de 1957), é o terremoto de 1985 a experiência que sanciona um antes e um depois:

Antes de 1985 os tremores não somente não me davam medo como inclusive me agradavam. O mais longínquo do qual lembro se associa à figura de meu pai. Era de noite e a casa começou a se mexer. Não pensei na terra nem na pátria, mas na versão doméstica de ambas: achei que meu pai caminhava pelo corredor e fazia balançar a construção com seus passos. A imagem de um gigante de pijama me parecia protetora. Em 1985 a relação com os sismos mudou para sempre. A partir de então, todos os objetos são sismógrafos acidentais. Quando algo se agita de repente, pode medir dois tipos de ansiedade: a telúrica e a espiritual. Se a água se mexe em um copo, pergunto-me se a causa é a Terra ou sou eu. Essa inquietação tinha um encontro marcado em Santiago” (VILLORO, 2010, p. 18).⁷

Reiterada e deslocada, a cena acima retorna no primeiro parágrafo de *El sabor de la muerte*. Os lugares (do mapa geográfico e do familiar) mudaram, mas no sujeito que por um instante acredita estar em sua casa e dirigir-se ao quarto da filha reverbera (‘invertida’) a imagem de outrora:

⁶ Francisco Hinojosa (México, 1954). Poeta e escritor de literatura infantil. Amigo de Juan Villoro que também participou do congresso no Chile.

⁷ Não é casual que a definição de 8.8: *El miedo en el espejo* como “crônica em fragmentos” seja precedida justamente de uma lembrança do sismo mexicano de 1985 e da evocação de outros fragmentos: os de um corpo assombrado pela ameaça do despedaçamento sob os escombros. Cito: “Meu amigo Alejandro Bejarano, colega do colegial, foi ‘homem toupeira’ nas jornadas de resgate posteriores ao terremoto de 1985. Eu uni-me a uma brigada de alpinistas da UNAM (enquanto eles escalavam com cordas, eu limpava estropícios no andar térreo). Um dia dividi experiências com Alejandro, ou, melhor, ouvi as experiências dele, que eram impressionantes. Alejandro disse que escrevia seu nome em diversas partes do corpo, caso encontrassem dele apenas uma mão ou um pé. Na desordem daqueles dias, os homens toupeira se arriscavam a desaparecer em pedaços. O que o medo destrói não se recupera de forma integral. Esta é uma crônica em fragmentos...” (VILLORO, 2010, p. 20).

Os mexicanos temos um sismógrafo na alma, ao menos os que sobrevivemos ao terremoto de 1985 no Distrito Federal. Se uma lâmpada se move, nos refugiamos no vão de uma porta. Essa intuição serviu pouca coisa ao 27 de fevereiro.

Às 3:34 da madrugada uma sacudida me acordou em Santiago. Dormia num sétimo andar; tentei ficar em pé e caí no chão. Foi nesse momento que deveras acordei. Até então acreditava estar em minha casa e queria ir ao quarto de minha filha. Senti alívio ao lembrar que ela estava longe (VILLORO, 2010, p. 45).

De fato, uma linha de força importante do texto de Villoro pode ser lida a partir das múltiplas réplicas/reverberações da função paterna, figura que perpassa grande parte de sua produção cronística, ensaística e ficcional.

Atingido este ponto, se torna necessário realizar um desvio (mas lembremos que desvio, em engenharia de minas, é o “cruzamento de um veio de material com outro”). Não por acaso um dos textos rememorados em *El miedo en el espejo é Matéria dispuesta* (1996), romance de aprendizado (e não “romance de aprendizado às avessas”, como sustenta a contracapa do livro), no qual o pai de Mauricio Guardiola, o protagonista, ocupa um lugar central.

II

Num ensaio breve e iluminador sobre *Matéria dispuesta*, Fabio Morábito (2011) examina três aspectos de particular interesse por manter relações com diversos tópicos de 8.8: *El miedo en el espejo* e com a leitura aqui proposta. Em primeiro lugar, Morábito assinala a importância dos tremores como tema do romance, emoldurado entre o sismo de 1957 (ano de nascimento de seu protagonista, Mauricio Guardiola) e o terremoto de 1985 (que sela o desenlace da ficção mostrando Guardiola e sua amiga de infância, Verônica, catando escombros para ajudar no trabalho de resgate das vítimas). Em segundo lugar, destaca a importância do tema devido a motivos estilísticos, já que Villoro necessita habituar o leitor à instabilidade do solo, a fim de converter essa instabilidade em algo mais constitutivo, na matéria/identidade de personagens que procuram e conseguem evadir-se do estereótipo e da fixidez. Cito:

Mas [Villoro] necessitava dos tremores por uma razão estilística. Seu estilo trêmulo, aéreo, que evita sistematicamente os nexos de continuidade (os “portanto”, “assim”, “então” etc.) e os substitui por uma sintaxe feita de puras

colisões e oposições; esse estilo apto para a lenta imersão introspectiva, necessita, para que ocorra algo por dentro das personagens e para que elas nos pareçam vivas, uma abundante dose de conflagrações. E a escritura de Villoro, com efeito, sabe avançar por rápidas e contínuas sacudidas [...] Emoldurado entre dois terremotos, o mundo que nos apresenta não termina de repousar sobre si mesmo e flutua num ar delgado, irreal e precário, onde tudo o que ocorre, ocorre, como na adolescência, por conflagração e deslocamentos súbitos (MORÁBITO, 2011, p. 195).

O terceiro aspecto destacado por Morábito, indissociável dos anteriores, se vincula ao itinerário de Guardiola, cuja relação com o pai é finalmente “saldada”:

Para Mauricio, abrir os olhos é saldar contas com o pai. Catando os escombros do tremor, ele conquista de certo modo essa vertente dura e áspera das coisas cujo emblema tinha sido, em sua casa, o lado áspero das toalhas com as que seu pai, educador de firmes princípios espartanos, adorava se secar. Ao mesmo tempo, ele descobre na paisagem em ruínas que o envolve sua vocação verdadeira, oposta à do pai arquiteto: não a edificação nem a solidez, mas o contrário: a matéria desorganizada, ou seja, “a profusão das coisas soltas, o cascalho, aquilo que repousa sem autoridade”. Num sentido profundo, creio que ele descobre, diante da solenidade paterna, sua vocação cômica [...] a história culmina numa semelhança entre pai e filho, que é também uma ruptura e uma libertação do segundo diante do primeiro. O sentido dessa coincidência liberadora é que, para curar-se de verdade, é necessário identificar-se [...] No momento de máxima afinidade entre pai e filho, o filho se cura do pai, porque por fim o compreende e já não o teme [...] A obesidade de Mauricio nos é revelada, e junto com ela, dois materiais que o atraíram alternativamente durante seu crescimento: por um lado, a matéria disposta, sólida, delineada, cujo maior inimigo são os tremores e, por outro, a matéria informe, dispersa, feita de escombros, aquela que os tremores nos devolvem periodicamente” (MORÁBITO, 2011, p. 92-93).

O tempo transcorrido entre *Matéria dispuesta* e *El miedo en el espejo* – um tempo no qual se entrecruzam a imaginação, a ficção, a lembrança, a experiência – talvez seja responsável por outro momento-chave de busca de compreensão do pai, momento que é simultaneamente “identificação” e “cura”, “afinidade” e “liberação”, “coincidência liberadora” – não identidade/repetição.⁸

⁸ Não é demais lembrar que *Tiempo transcurrido* é o título das “crônicas imaginárias” publicadas por Villoro em 1985.

III

Retorno a 8.8: *El miedo en el espejo*. Há, no ‘princípio’ do relato, a evocação do tempo mítico da infância e de um pai – protetor-gigante que usa pijama.⁹ Essa figura será replicada/contestada na adolescência e juventude, quando se repudia a vestimenta emblema da formalidade, do estabelecido e eventualmente da deterioração, à qual se contrapõem as “roupas descuidadas e escassas” dos que “não usam uniforme para sonhar” (caso literário extremo, Michel Tournier, que se gaba de dormir nu – mas que, mais importante que isso, é autor de *El Mefisto de Klaus Mann o la dificultad de ser hijo* (2006), objeto de considerações por parte de Villoro em seu próprio ensaio sobre o romance homônimo do primogênito de Mann-pai: “¿También tiene sus leyes el infierno? *Mefisto de Klaus Mann*”) (2008). Há mais tarde, num momento ulterior que simbolicamente se reordena a partir do terremoto chileno, um tempo no qual, sem devir idêntico ao pai (sem replicá-lo/repeti-lo) se assume, não obstante, de maneira deslocada, o lugar dele. Com efeito, o Juan Villoro progenitor de uma menina de dez anos não somente sonha (alucina) dirigir-se ao quarto para socorrê-la quando chão e paredes começam a tremer em Santiago; não somente experimenta alívio ao acordar e saber que ela está longe (um modo imaginário de ampará-la) como, escreverá mais tarde, para ela, o conto intitulado “La gota gorda”, “história de um gigante preocupado por não poder proteger sua filha diminuta” (VILLORO, 2010, p. 110). No terremoto santiaguino, o ‘esquecido’ significante pijama (a metonímia do pai) volta a irromper: “Pouco a pouco, a realidade recuperou nitidez. Surpreendeu-me que tantas pessoas usassem pijama [...] Meu favorito foi o pijama de Laura Lecuona, responsável pelas edições infantis de SM no México” (VILLORO, 2010, p. 48). Ao redigir “La gota gorda”, já de regresso em seu país, o signo surge novamente: “Ao terminar o conto me perguntei se o gigante usava pijama. Pela primeira vez interessava-me esse aspecto de uma personagem. Decidi que essa vestimenta descomunal fazia parte de sua vida privada e não pensei mais no assunto” (VILLORO, 2010, p. 110). Ocorre que o ‘não pensado’ retorna uma vez mais, desta vez, como

⁹ O primeiro parágrafo de 8.8 cruza esse tempo mítico com o presente: “Meu pai sempre dormiu de pijama. Lembro dele, nas noites de minha infância, vestido com uma roupa azul clara, de beiras azul escuro, e assim vejo ele ainda hoje quando o visito, aos seus oitenta e sete anos, nos circunstanciais quartos de enfermo” (VILLORO, 2010, p. 15).

presente endereçado a um destinatário que, em um gesto de aquiescência implícito, o aceita:

Em 5 de março, Laura Lecuona me enviou um pacote grande que continha livros da editorial SM. Também me enviou um pacote embrulhado em papel vermelho. Apalpei e senti algo suave. Quem sobrevive tem trabalho para dormir, mas não para sonhar. Soube o que tinha me dado Laura de presente. Com efeito: um pijama (VILLORO, 2010, p. 113).

As relações de sentido aqui assinaladas remetem à superfície mais visível embora simultaneamente também mais íntima do texto. Ora, se a “versão doméstica da terra e da pátria” é o pai, seria necessário rastrear outra réplica que reverbera nesta e que supõe o reiterado questionamento, nos escritos de Villoro, de um solo sociohistórico e cultural associado aos discursos nacionalistas e, de alguma forma, outra vez, ao pai, ao filósofo Luis Villoro Toranzo (1922-2014), membro do grupo Hiperión, autor de títulos como *Los grandes momentos del indigenismo en México* (1950) ou *La revolución de Independencia* (1953), mas também defensor infatigável da causa *chiapaneca* e interlocutor, desde cedo, do subcomandante Marcos. Trata-se de figura polifacetada que o filho tenta compreender, não de forma ‘integral’ e conclusiva, mas sim em profundidade, em *Mi padre, el cartaginés* (2011), texto cuja primeira versão foi lida por Villoro no marco do evento *Crónicas de ultramar: 200 años de independencias latinoamericanas*, que ocorreu no *Centro de Cultura Contemporánea de Barcelona*, de 22 de novembro a 1 de dezembro de 2010.¹⁰

Pouco interessa a contemporaneidade empírica entre *El miedo en el espejo* (que possui esta dupla datação: Santiago do Chile, 3 de março de 2010; cidade do México, 4 de maio de 2010) e o texto inicialmente proferido como palestra em 22 de novembro do mesmo ano – alguns meses depois, portanto, do terremoto chileno e do ‘retorno ao pai’ que acaba de ser referido. A contemporaneidade em jogo invocada

¹⁰ Inicialmente publicado com o título *De Cartago a Chiapas* pelo CCCB, em 2011, o texto foi republicado na sessão de “crônicas” do livro *Espejo retrovisor* (2013) como *Mi padre, el cartaginés*. Várias passagens foram reaproveitadas e transcritas por Juan Villoro no artigo *Última lección* (Jornal *La Reforma*, 7/3/2014), escrito em homenagem ao pai, morto em 5 de março de 2014 aos noventa e um anos de idade. Outra crônica anterior também se organiza em torno da figura paterna, mas a partir de uma abordagem mais restrita: *El libro negro*, que integra *Safari accidental* (2005) e foi republicada na *Revista Nexos* (2008).

por Villoro para meditar sobre esse progenitor nascido em Barcelona, educado na Bélgica e “convertido” à mexicanidade como fruto de um árduo trabalho, remete explicitamente ao conhecido ensaio de Giorgio Aganbem¹¹ e é válida também aqui. Seria então necessário pensar em que medida a escrita de Juan Villoro se debruçou uma e outra vez sobre os motivos sedimentados pelos discursos nacionalistas (sobre as “matérias dispostas”) com o propósito de identificar suas ‘falhas’, na acepção trivial e na geológica, mas ao mesmo tempo nunca se desentendeu desses discursos e os fez reverberar em seus textos, seja em chave abertamente irônica (em contos como *Amigos mexicanos* ou *Mariachi*) (2011), seja mediante a problematização de fronteiras e de pressupostos identitários (em ensaios como *Iguanas y dinosaurios. América Latina como utopía del atraso* (2001) ou *Itinerarios extraterritoriales*; 2008), seja, ainda, mediante seu trabalho como cronista dos principais eventos que sacudiram a vida social e política do México dos anos 1990-2000: a irrupção do ELZN¹² na cena pública e a *Convención Nacional Democrática* que teve lugar em San Cristóbal em 1994 (*Los convidados de agosto*) (1995),¹³ a marcha de 2001 que culminou no Congresso Nacional (*Los zapatistas marchan*) (2005),¹⁴ a “outra campanha” liderada por Marcos em oposição às candidaturas das eleições presidenciais mexicanas de 2006, que contou com o apoio de Luis Villoro Toranzo e abre *Mi padre, el cartaginés* (2013), com o segmento intitulado *La guerrilla quiere una moto*.¹⁵ Oscilando entre a divergência e

¹¹ O que é o contemporâneo? (2013).

¹² *Ejército de Liberación Zapatista Nacional*.

¹³ Inicialmente incluída em *Los once de la tribu* (1995) e republicada em *Espejo retrovisor* (2013).

¹⁴ Inicialmente incluída em *Safari accidental* (2005) e republicada em *Espejo retrovisor* (2013).

¹⁵ *La guerrilla quiere una moto*: “Em inícios de 2006 meu pai surpreendeu todo mundo perguntando por preços de motocicletas. Aos dezoito anos eu tinha pedido um empréstimo a ele para comprar a mais modesta das motos. Embora minha fantasia aconselhasse uma Harley Davidson – digna do filme *Easy Rider* e de longos cabelos ao vento –, resignei-me a cobiçar uma ISLO, de fabricação local. Jamais teria convencido meu pai a adquirir um poderoso talismã norte-americano. Em contrapartida, confiava no apoio dele à indústria vernácula. A moto ISLO devia seu nome ao empresário mexicano Isidro López [...] Membro do grupo *Hiperión*, meu pai pertencia a uma corrente que combinou os *sweters* de golãs altas do existencialismo com o artesanato de barro da antropologia nacionalista. Seguindo Samuel Ramos, precursor da filosofia do mexicano, os *hiperiones* falaram das essências nacionais [...] Quando teu pai se compromete tão seriamente com as essências nacionais, não é possível pedir uma Harley Davidson. Minha moto seria mexicana ou não seria. Mas ele não deu apoio à iniciativa. Nos anos setenta do século

a “religação” (à qual Kierkegaard se refere, de acordo com Villoro, como uma “recordação para frente”) (2013, p. 212) dá-se prosseguimento ao diálogo com o pai/pátria. Trata-se de um diálogo não isento de tensões (geralmente dirimidas no plano do humor, da observação mordaz, do enunciado aforístico que ilumina paradoxos sem necessidade de emitir juízos), que o escritor não abandonou ao longo de mais de três décadas e que exigiria por si só um trabalho pormenorizado. Nessa leitura por se fazer, a figura de ‘outro pai’ não poderia ser deixada de lado.

IV

Quando um cronista mexicano tem o atrevimento e o rigor de consultar o que já se escreveu sobre o tema acerca do qual pretende escrever, constata que alguém se adiantou: Carlos Monsiváis [...] Desde 1954, quando escreveu sobre um assunto à época iconoclasta, a música de Bola de Nieve, ele desdobrou uma enciclopédia de predileções, vinculando o culto e o popular, o vernáculo e o cosmopolita, a pátria íntima da poesia e a convulsa realidade na qual os políticos fugazes tentam eternizar os lugares comuns (VILLORO, 2012, p. 9).

Com essas palavras Juan Villoro abre “*Instantáneas hacia un cronista*”, apresentação à *Antología esencial* de Monsiváis publicada pela editora Mar Dulce, de Buenos Aires, em 2012. A asserção, válida de modo geral (e apta para caracterizar em grande medida procedimentos empregados pelo próprio Villoro em suas crônicas), é particularmente justa no que tange ao testemunho do sismo mexicano de 1985 reativado uma e outra vez em *El miedo en el espejo*. Ao escrever as crônicas que seriam reunidas

passado, as motocicletas lhe pareciam objetos para *hippies* com demasiada presa em chegar à sobre dose. Trinta anos depois, demonstrava uma estranha curiosidade por esse tema. A causa somente podia ser política, e de preferência, indígena. Com efeito: no verão de 2006, o subcomandante Marcos decidiu sair da selva chiapaneca para percorrer o país num itinerário que chamou de “a outra campanha” e pretendia demonstrar que nenhum dos candidatos à presidência valia a pena. Seu repúdio aos políticos conservadores era óbvio. Mais complexa era sua oposição a Andrés Manuel López Obrador, candidato da esquerda com sérias possibilidades de ganhar. Antes de subir numa moto de aspecto sub Isidro López, quer dizer, de distribuidor de pizzas, declarou ao jornal *La Jornada*: “López Obrador vai nos ferrar”. Ignoro se meu pai participou da compra do veículo. O fato é que ele recebeu a pontual visita de um mensageiro do Ejército Zapatista de Liberación Nacional (EZLN) com nome de personagem de García Márquez (Arcadio Babilonia, digamos), doou fundos para “a outra campanha”, fez sua enésima viagem a Chiapas e mergulhou seus filhos nos divididos sentimentos de admiração e desvelo que nos provocam suas causas sociais” (VILLORO, 2013, p. 190-192).

sob o título de *Los días del terremoto* (1987), Monsiváis se adiantou.¹⁶ Da mesma forma que talvez tenha sido um dos primeiros a antecipar-se e dar um voto de confiança ao jovem Villoro, quando decidiu incluí-lo na coletânea *Lo fugitivo permanece. Veinte cuentos mexicanos*, de 1989, para fechar um livro no qual constam nomes consagrados como os de Fuentes, Pitol, Garro ou Poniatowska.¹⁷

As ressonâncias desse texto precursor se deixam sentir tanto na ordem dos temas como das estratégias: o *Collage de voces, impresiones y sensaciones de un largo día* orquestrado por Monsiváis para aproximar-nos do desastre é uma matriz que retorna, estilizada, no conjunto de catorze microrrelatos e testemunhos de “¿Estoy acá? ¿Acá dónde?”;¹⁸ as

¹⁶ Anadeli Bencomo (2011, p. 43) assinala que a crônica *Los días del terremoto* foi publicada originalmente no ano de 1987 como parte do livro *Entrada libre. Crónicas de la sociedad que se organiza*, mas esclarece que muitas partes apareceram quase contemporaneamente aos acontecimentos relatados (apenas três dias do terremoto Monsiváis dá a conhecer as primeiras páginas na revista *Proceso*). Em 2005 é republicado *Los días del terremoto* precedido de um longo ensaio no qual o autor avalia as transformações das duas décadas transcorridas desde o sismo: emergência da sociedade civil, dos movimentos sociais e de defesas das minorias, relativa democratização, surgimento do ELZN – um de cujos lemas, “*No sin nosotros*”, serve de título ao ensaio. As citações neste trabalho correspondem a essa última edição (*No sin nosotros. Los días del terremoto: 1985-2005*).

¹⁷ Cf. Llanes García (2012, p. 13-15).

¹⁸ *Collage de voces, impresiones, sensaciones de un largo día* é o título do primeiro bloco de *Los días del terremoto*, no qual alternam a voz do cronista com (presumíveis) discursos de terceiros separados por um espaço em branco e diferenciados pelo uso de itálico. Transcrevo as duas primeiras passagens do texto: “Dia 19. Hora 7.19. O medo. A realidade cotidiana desmancha em oscilações, ruídos categóricos ou minúsculos, estalo de cristais, desabamento de objetos ou de revestimentos, gritos, choros, o intenso rangido que anuncia a seguinte imprevisível metamorfose da habitação, do apartamento, da casa, do edifício... O medo, o fascínio inevitável do abismo contido e nulificado pela preocupação pela família, pelo vigor do instinto de sobrevivência. Os segundos prementes, plenos de uma energia que sobressalta, corrói, intimida, se transforma na debilidade de quem a sofre. ‘O fim do mundo é o fim de minha vida’ *versus* ‘Não acontece nada, não há motivo para se assustar. Mantenhamos a calma’ [...] O rangido se agudiza, no bamboleio a catástrofe se estabiliza, as pessoas se vestem como podem ou se vestem somente com seu pânico, o medo é uma mística tão poderosa que ressurcita ou atualiza outras místicas, as aprendidas na infância, as que vão da superstição à convicção, as frases primitivas, as fórmulas de salvação na derradeira hora. No dia 19 de setembro, na capital, muitos não tiveram a oportunidade de mergulhar em seu medo.

– *Percebi tudo a fundo, como o pavor faz a gente consciente de cada movimento, e ao mesmo tempo, como que o pavor é uma inércia autônoma. Notei que somente pensava em mim mesmo e que tentava, como dava, de pensar nos demais, nos meus. Afligia-me e me serenava, mas sem deixar de fazer as coisas, de gritar, de apressar, de tranquilizar, de planejar a saída, tudo tão acelerado que não ouvia, somente via espetáculos. Estava aterrado, mas o choro de minha filha retumbava dentro de mim, era interminável. Segui ouvindo o choro muito tempo depois”* (MONSIVÁIS, 2010, p. 61-62).

reiteradas denúncias sobre os efeitos nefastos da especulação imobiliária no Distrito Federal – lugar de uma memória compartilhada sobre o sismo mexicano que Monsiváis contribuiu a estabelecer, impondo-o na agenda pública daqueles dias –ressurgem instituindo um vaivém comparativo entre o tremor recente e o ‘passado’.¹⁹ O saldo desse balanço parece ser duplo: por um lado distingue (diferença e valor a um tempo) a tradição edilícia do Chile em relação ao México; por outro, o México reverbera no Chile naquilo que a ordem globalizada tem de mais nefasto:

Os mexicanos mergulhamos numa documentada paranoia; dispúnhamos de muita informação para imaginar desabamentos, mas ignorávamos que a arquitetura chilena é uma forma do milagre. Somente assim, explica-se que em Santiago os danos ocorridos tivessem sido menores. O edifício no qual transcorria nosso Congresso, a antiga Academia de Belas Artes, transformada em Museu de Arte Contemporânea, desmoronou parcialmente (tínhamos que agradecer que o terremoto não tivesse coincidido com nosso horário de trabalho). Outros edifícios foram desalojados e outros ainda terão que ser demolidos (na maioria, se trata de imóveis posteriores a 1990, quando as leis de supervisão se tornaram menos estritas). “Temos terror dos prédios novos. Deveria ser o contrário, né?”, comentaria depois o cronista Francisco Mouat.²⁰ Os terremotos são inspetores da honestidade arquitetônica. Em 1985, o sismo da cidade do México demonstrou que a especulação e a construção fraudulenta de edifícios públicos eram mais maléficas que os graus Richter. “Com usura não há casa de pedra boa”, escreveu Ezra Pound (VILLORO, 2010, p. 49).²¹

Mas também o reverso do desastre, que a palavra de Monsiváis resgata uma e outra vez,²² é evocado pelo discurso de Villoro ao rememorar o surgimento do “partido do tremor”:

A resistência improvisada [em 1985] resgatou o rosto de uma cidade anônima, criou de forma espontânea um movimento sem horizonte preciso, mas

¹⁹ *Los días del terremoto* acompanha de perto os avatares de numerosas construções que desabaram no Distrito Federal (edifício Conalep de Balderas, Centro Médico, Hospital Juárez, edifício Nuevo León de Tlatelolco, Multifamiliar de Juárez etc.), bem como suas correlações com a mudança de regime da propriedade, planos de Habitação Popular levados adiante durante os anos 1960, superpopulação e ausência de manutenção dessas unidades etc.

²⁰ Francisco Mouat (Chile, 1962). Jornalista, cronista, escritor e editor.

²¹ Considerações análogas aparecem nas páginas 19 e 47.

²² “Em apenas quatro ou cinco horas se conforma uma ‘sociedade dos escombros’, cuja rebeldia diante das demoras burocráticas e cuja invenção decorrem da obsessão de mitigar a catástrofe”; “Como em escassíssimos momentos do México, a vida humana se eleva ao rango de bem absoluto”; “Durante um breve período, a sociedade se torna comunidade” (MONSIVÁIS, 2010, p. 76). A enumeração ou breve relato de ‘casos’ é abundantíssima.

igualmente crítico: o “partido do tremor”, uma rede de gestos solidários que pouco depois encontraria expressão política (VILLORO, 2010, p. 113).

Cartografar os fluxos e refluxos desse partido sem partido (“a sociedade civil é flutuante ou, como se diz com alguma elegância, *sociotímica*”) (MONSIVÁIS, 2010, p. 41), é o que busca o longo ensaio preparado por Monsiváis para a reedição de 2005 de *Los días del terremoto*. Nele, as diversas manifestações que lhe deram forma nos vinte anos transcorridos desde o sismo (movimentos indígenas e rurais, feministas, homossexuais, anticlericais, ambientalistas etc.) parecem encontrar uma expressão comum no lema escolhido como título: *No sin nosotros*.

“*No sin nosotros*”, o lema do ELZN, é a consigna da diversidade num país no qual sequer as maiorias têm seus direitos garantidos, salvo os do exercício da pobreza, da resignação, do preconceito e do atraso, direitos que sim concede a minoria dominante. De fato, e repensando a questão, “*No sin nosotros*” poderia ser a consigna generalizada, na nação que, no relativo à equidade, sempre se caracterizou por incluir quase todos na exclusão” (MONSIVÁIS, 2010, p. 50).

No sin nosotros. Los días del terremoto: 1985-2005 “recorda para frente” (religa/reata) alguns efeitos do tremor. Longe do entusiasmo ingênuo, mas também do sentimento de clausura ou de derrota definitiva: “Isto é algo do muitíssimo que aconteceu em vinte anos” (MONSIVÁIS, 2010, p. 60) é a frase com a qual se dá o término, ou mais precisamente, se ‘interrompe’ o texto.²³ O acaso ou o destino quis que o mesmo ano de

²³ Não surpreende que na Convención de Aguascalientes (Chiapas, 1994) confluíssem o filho (Juan Villoro), o pai (Luis Villoro Toranzo) e sua ‘réplica’: “Vi Monsiváis por primeira vez na vida no diálogo que ele manteve com Manuel Puig na antiga Livraria El Sótano. Usava uma jaqueta que se transformaria em seu emblema *beatnik* [...] Desde então, sua presença tornou-se tão familiar para minha geração que custa imaginar como seriam as coisas se ele não existisse. Em agosto de 1994 nos encontramos na convención zapatista num clarão da selva tojolabal e testemunhei sua dificuldade para entrar no *sleeping bag*: ‘Estou me sentindo um gênio’, disse, quando conseguiu fechar o zíper. No dia seguinte, machucou o tornozelo. Não parou de tomar notas, nem reclamou, mas de repente desabafou com ironia: ‘Juro que de agora em diante somente vou apoiar as causas urbanas’” (VILLORO, 2012, p. 15).

No final da crônica de Villoro sobre a Convención de Aguascalientes, na qual os toques de humor e ironia são constantes, volta a ser evocado o “partido do tremor”. Uma chuva torrencial se inicia depois da reunião: “Os que acreditávamos que a biblioteca era nosso habitat natural fomos corrigidos pelos elementos; a chuva não parava e uma voz convencida de que a chantagem é a forma mais eficaz de proselitismo perguntou:

El miedo en el espejo, Carlos Monsiváis (4 de maio de 1938/19 de junho de 2010) deixasse “de pertencer à vida diária para incorporar-se ao gênero que ele redefiniu: a lenda” (VILLORO, 2010, p. 25). Não poucos consideram Juan Villoro seu sucessor.

V

Entre aqueles que postularam a existência de um vínculo entre a escrita de Monsiváis e de Villoro, Juan Ramón Ruisánchez e Oswaldo Zavala foram além da mera menção e sugeriram uma das entradas mais interessantes ao tema no ensaio introdutório de *Materias dispuestas: Juan Villoro ante la crítica* (2011), reunião de textos organizada por ambos. Com o intuito de indagar as genealogias literárias de Villoro e a relação destas com os principais mecanismos textuais de sua poética, destacam quatro nomes mexicanos que consideram chaves: Carlos Fuentes (a poética de Villoro dramatizaria o “estilhaçamento do ciclo [romanesco] de Fuentes” e substituiria as representações do primeiro pela “cidade hidra” que aquele não soube representar); Sergio Pitol (do qual Villoro se aproximaria pela heterodoxia das leituras e a fruição das personagens *esperpénticas*); Carlos Monsiváis e José Emilio Pacheco. Com respeito ao terceiro, os críticos afirmam:

A leitura agudíssima (por parte de Villoro) do estilhaçamento do ciclo de Fuentes e das províncias que este não soube convocar, seria impossível sem a revisão de um dos escritores cruciais surgidos precisamente do movimento estudantil de 1968 e da posterior repressão militar: Carlos Monsiváis [...] Monsiváis enuncia no lugar da indecisão dos gêneros, a partir de uma crônica que é, sempre e de modo simultâneo, um ensaio sobre o momento que se narra e, ao mesmo tempo, o mirante desde o qual se reexamina o passado com uma perspectiva

– Vocês não têm vergonha de ficar aí deitados enquanto os idosos tremem de frio? Como é que pensam mudar o país ficando aí deitados? Há pessoas que precisam desse lugar.

Oito ou dez voluntários nos incorporamos para mudar o país. Saímos à procura de pessoas na lama [...] Passamos a noite em claro, revisando as barracas, levando pessoas até os ônibus. Os momentos decisivos, como soubemos os que nos incorporamos às brigadas depois do terremoto de 1985, raramente se apresentam com declarações grandiloquentes. O ‘partido do tremor’, que surgiu dos escombros, fez com que o PRI [Partido de la Revolución Institucional] perdesse as eleições na capital três anos depois; a difusa rede de gestos solidários foi o início de um movimento político” (*Los convidados de agosto*, 2013, p. 69).

inexistente, já que somente surge graças à narração do acontecimento. A posição instável da prosa de Monsiváis obriga a uma variação dos pontos de vista e exige uma recepção que pesque uma citação e imediatamente depois ria de uma piada, para depois repensar uma mentira oficializada e, antes de que termine o parágrafo, compreenda as reacomodações causadas ou reveladas por uma manifestação, um concerto, um jogo de futebol. Juan Villoro não é só um cronista notabilíssimo, que apara as arestas do caos estratégico de Monsiváis, como se permite trasladar os achados deste às outras matérias – notadamente ao romance [...] Villoro lê o cronista Monsiváis não apenas como um renovador desse gênero, mas como um precursor da narrativa das gerações posteriores (RUISÁNCHEZ; ZAVALA, 2011, p. 11-12).

Em relação ao quarto nome, por sua vez, ponderam:

Ora, se Monsiváis exige e estabelece uma forma de repensar a história a partir do acontecimento popular, o mecanismo que Villoro privilegia de José Emilio Pacheco é a mediação subjetiva entre o presente e o passado. Em Pacheco há sempre alguém que lembra, alguém que lembra de si, para sermos mais precisos, alguém que volta a se tornar criança na página (RUISÁNCHEZ; ZAVALA, 2011, p. 13).

Acredito ter mostrado como Villoro lembra, lembra de si, volta a se tornar criança, adolescente, adulto e entrevê a velhice, através de *El miedo en el espejo*. Gostaria de indicar agora como graças à mediação subjetiva entre o presente e o passado atravessa fronteiras e se torna, mesmo que por um breve momento, chileno.

VI

Como aproximar-se dos tremores e estremecimentos coletivos que sucedem ao tremor estando ‘fora da pátria’? Apesar de tudo, a aldeia global não aboliu foros, nem sentimentos de pertencimento, nem clichês. O Villoro cronista sabe disso e o estabelece de vários modos. Por exemplo, retratando a “conduta tribal” que reúne os expositores do congresso por nacionalidades no *lobby* do hotel logo após o terremoto (“uma conduta tribal nos fez reunir-nos por países – a reação foi tão forte e automática que somente me apercebi dela horas depois, quando a escritora colombiana Yolanda Reyes chamou minha atenção”) (VILLORO, 2010, p. 47). Ou retomando com humor diversos estereótipos (do turista alemão que com previsão teutônica surge apetrechado de uma lanterna na testa (2010, p. 48) ao lúbrico funcionário do governo brasileiro que irrompe “praticamente nu”, com uma “tanga diminuta” (2010, p. 70), ou a sarcástica menção à “sofisticada especialidade argentina diante do cataclismo” – “a indiferença” (2010, p. 73)). Como aproximar-se dos tremores e estremecimentos coletivos que sucedem o tremor quando, apesar

da comoção, do isolamento provisório e forçado (como é sabido o aeroporto de Santiago sofreu danos importantes e deixou de operar por alguns dias), não se perde de vista nem a situação privilegiada desses congressistas ‘náufragos’, nem a gravidade do que acontece fora dessa área protegida, nem as eventuais repercussões – e está-se ‘fora da pátria’?

A cautela do cronista Villoro para referir-se ao cismo chileno de 2010 somente é comparável à vontade de não se omitir. Em nome da fidelidade à experiência vivida, a “crônica em fragmentos” limita-se à dimensão ‘pessoal’ e ao microcosmo que orbita ao seu redor:

Esta é uma crônica em fragmentos. Quis ser fiel à maneira em que percebemos o drama: a população flutuante de um hotel reunida num naufrágio. Não é uma reportagem de um país que se fraturou na zona sul nem da capital e que resistiu de forma admirável. É a reconstrução em partes de um microcosmo: vidas de passagem que estiveram a ponto de se extinguir” (VILLORO, 2010, p. 20).

A reflexão mais radicalmente desterritorializada (o ensaio sobre “as vidas de passagem” que são todas e qualquer uma, que estão em todo momento “a ponto de se extinguir” sem razão, nem garantias, nem destino) será empreendida sob o signo de Kleist. Aí, a pátria de todos é essencialmente a mesma: o acaso que ‘salva’ ou ‘condena’, aniquila ou pospõe. A reflexão, muito mais breve, sobre a disseminação de cataclismos na sociedade globalizada (transposição em outra chave e outra escala dessa “impermanência” constitutiva) será desenvolvida em *Algunas conclusiones. Los habitantes de Claustropolis*. Aí, a pátria (de todos?) é a tecnologia, a aldeia global interconectada por redes, circuitos e aparelhos que se tornaram uma segunda natureza. E pode colapsar em qualquer instante. Trata-se de dois discursos muito diferentes entre si mas que possuem em comum um ‘distanciamento’ do circunstancial e da impositiva subjetiva que caracterizam a dicção do cronista, aspectos privilegiados até agora por esta leitura, aos que gostaria de regressar uma vez mais (evidentemente, a orientação em direção ao ensaístico dos dois blocos mencionados não supõe a supressão nem da subjetividade nem das circunstâncias, mas sua modulação em outro registro: algo da ordem do distanciamento calculado antes de voltar, no *Epílogo*, ao presente, ao pijama, ao pai, à pátria).²⁴

²⁴ Por motivos de espaço não serão examinados aqui esses dois capítulos que merecem, não obstante, uma análise detida, em especial, o dedicado a Heinrich Von Kleist, seu romance *O terremoto do Chile*, e o suicídio consumado por Kleist junto a Henriette Vogel como único ato capaz de “abolir o acaso” e, em consequência, de selar vida e literatura.

Como aproximar-se, pois, aos tremores e estremecimentos coletivos que sucedem o tremor quando se está fora de casa?

O “decálogo acidental” do qual Villoro lança mão para evocar sua participação nas jornadas ocorridas no *Palacio de Minería* do Distrito Federal, antes da viagem a Santiago, em fevereiro de 2010, estabelece em poucas linhas uma memória afetiva que vincula territórios e momentos de forma nada acidental:²⁵ “Eu era o último a participar [da mesa redonda] e tinham nos pedido que antes de ler o texto falássemos de nossa relação com o Chile. A toda velocidade mencionei... “(VILLORO, 2010, p. 25). Aí está a “primeira Copa do Mundo” da qual teve notícia esse notório apaixonado pelo futebol que é Villoro (“Aos seis anos eu ouvia o rádio com os olhos fechados, como num ato de fé, para que o goleiro Carvajal repelisse os disparos inimigos. Não esqueci a ilusão nem a tristeza que chegaram até mim do estádio Sausalito de Viña del Mar” (2010, p. 26)) – assim como também está aí a associação extemporânea e eficaz que dá um salto ao presente (“Tampouco [esqueci] o lema da Copa do Mundo, que deveria ser o de América Latina em tempos do Bicentenário: “Porque nada temos, queremos tudo” (2010, p. 26)). Aí está a lembrança do “primeiro acontecimento político” que o comove de forma direta: o golpe de Estado do Chile (“o ano de 68 tinha sido importante para minha família, mas vivi os fatos através de meu pai, que participava da Coalisão de Professores” (2010, p. 26)). Aí, “a primeira manifestação” à qual assiste Villoro com os colegas de colegial, em apoio à Unidad Popular e, em consequência “o primeiro vilão histórico” da sua vida: Pinochet. O decálogo se completa estabelecendo vínculos no plano da iniciação amorosa (que não deixam de fazer ressoar o político: “a primeira paixão de minha vida foram as chilenas que chegaram a meu colégio [...] Vinham se asilar, mas também nos resgatar” (2010, p. 27)) e no plano da iniciação literária (que possui também evidentes ressonâncias políticas):

²⁵ As jornadas *Algún día en cualquier parte: bicentenario: letras de Chile y México*, tiveram lugar na *Feria Internacional del Libro* (Palacio de Minería, Distrito Federal, 17 a 28 de fevereiro de 2010) e se desenvolveram entre 14 e 24 de fevereiro. A tênue distorção imposta por Villoro ao título das jornadas em *El miedo en el espejo* (“*Un día, en algún lugar*”; *jornadas literarias entre México y Chile*”, p. 25) não suprime a indeterminação, mas lhe imprime certa direção e até certo ar de presságio. Não “*cualquier parte*” mas “*un lugar*”; não “*algún día*” mas “*un día*”, o ‘predestinado’ (lembre-se a menção ao sismo do Distrito Federal de 1985 como experiência liminar e às reverberações deste no sismo que será vivido no Chile: “Essa inquietude tinha um encontro futuro marcado em Santiago”, 2010, p. 18).

Minha primeira influência literária em *close-up*, tão próxima que podia confundir-se com o plágio, foi Antonio Skármeta. Meu tutor da oficina literária, Miguel Donoso Pareja, notou que minhas paixões iam de Julio Cortázar à cultura pop: “No meio disso está Skármeta”, comentou. O poeta Mario Santiago, que frequentava a oficina como ruidoso crítico da prosa e tinha lido todos os livros, aprovou a sugestão. Na quarta-feira seguinte, Donoso Pareja levou *Desnudo en el tejado*, editado em Cuba por *Casa de las Américas* e leu “*El ciclista de San Cristóbal*”. O efeito foi definitivo: quis pedalar até as estrelas.

Quando conheci Roberto Bolaño, também ele estava sob o influxo de Skármeta. “*A las arenas*” é o germe de *Los detectives salvajes*: um chileno e um mexicano viajam *on the Road* a Nova York. São paupérrimos e precisam vender seu sangue para poder pagar os ingressos de um espetáculo de jazz. A vida em troca da arte! Quando conheci Roberto, em 1976, ele me disse que a trama o fazia lembrar dos grandes romancistas russos e que algum dia faria circular outro mexicano e outro chileno para repetir a transubstanciação: sangue que seria literatura” (VILLORO, 2010, p. 27).

A eloquência dessa listagem dispensa comentários. Antes de decolar rumo a Santiago, em 23 de fevereiro de 2010, a escrita fez do que está ‘fora’ uma segunda pátria. O “país das primeiras ocasiões” é também o país das réplicas dessa memória afetiva e de suas reinscrições no presente.

VII

O quarto bloco de *El miedo en el espejo* começa evocando a trepidação que surpreende Villoro no sétimo andar de um hotel, evocação citada no início desta leitura: “Os mexicanos temos um sismógrafo na alma, ao menos os que sobrevivemos ao terremoto de 1985 [...] Essa intuição serviu de pouca coisa em 27 de fevereiro. Às 3:34 da madrugada uma sacudida me acordou em Santiago. Dormia num sétimo andar; tentei ficar em pé e caí no chão. Foi nesse momento que deveras acordei” (2010, p. 45).

Numa prosa célere se recapitulam as impressões apinhadas durante os minutos que dura o tremor, bem como as reações e eventos posteriores ao mesmo: o estupor inicial por ter sobrevivido, o progressivo retorno à realidade, a surpresa ao encontrar tantas pessoas de pijama, a agremiação por tribos, as errôneas especulações da tribo mexicana (“cá houve duzentos mil mortos, disse Daniel Goldín”),²⁶ o parêntese imposto pelo cancelamento

²⁶ Daniel Goldín (México, 1958). Ensaísta e editor. Dirigiu o projeto de livros infantis da Fondo de Cultura Económica até 2004.

dos voos, a solidariedade dos amigos de Santiago.²⁷ Mas concluída a crônica dos episódios vividos por essa “população flutuante” reunida num hotel, o relato ‘volta’ a começar. O foco, agora, é o que ocorre lá fora, principalmente em Concepción e nas populações da costa mais severamente afetadas. Trata-se de uma aproximação ao ocorrido que se vale principalmente de discursos produzidos por terceiros e se inicia mediante a menção a um escrito de Julio Gálvez Barraza. Nessa espécie de “*striptease* moral que representam os terremotos” (VILLORO, 2010, p. 52) a multiplicidade de respostas vai do bombeiro que perde toda a família e continua trabalhando para salvar quem puder, ao proprietário de um boteco no qual Barraza almoçou muitas vezes e onde entra para assistir às notícias na televisão porque a casa dele ficou sem luz: “O dono, que conhece [Barraza] há muito tempo, lhe disse que não podia ficar se não consumia nada” (VILLORO, 2010, p. 53).²⁸ Em relação ao *striptease* social, o espectro de reações abarca dos “supermercados assaltados, rosto dramático de um país onde as pessoas tinham fome” às “filas para encher o tanque de gasolina nos bairros ricos de Santiago: seu rosto hipocondríaco” (VILLORO, 2010, p. 54).

Esse resgate de episódios ‘antagônicos’, que busca manter-se aberto a uma pluralidade de comportamentos e reações sem reduzir a verdade (toda

²⁷ “Na soçobra que se seguiu ao terremoto uma rede de solidariedade se estabeleceu com os amigos de Santiago. No mesmo dia, 27 de fevereiro, Antonio Skármeta e Estaban Cabezas se apresentaram no hotel para verificar que não nos faltasse nada. Outros colegas enviaram mensagens de texto oferecendo petiscos, mariscos e vinhos. Parecia uma versão revisitada do Titanic: estávamos à deriva mas a atenção era esplêndida. Chilenos que acabávamos de conhecer ofereceram suas casas para os que temiam dormir nas alturas” (VILLORO, 2010, p. 52).

²⁸ Cito as passagens de “*Chile, la tierra se mueve*”, publicado no blog de Gálvez Barraza em 4 de março de 2010, que são retomadas por Villoro em sua crônica: “Durante estes dias temos vivido horas de angústia e de dor. Também temos testemunhado muitos atos de coragem e de heroísmo, como o daquele bombeiro que, depois de ter perdido a esposa, a filha e o irmão, não parou de trabalhar pela sua comunidade em Constitución. Ou como a senhora Fresia, que em sua casa de Pelluhue abrigou dezenas de pessoas que perderam a família, a casa, os pertences. São muitos os casos dignos de admiração. Em eventos como estes é quando sai à superfície o que chamamos “a condição humana”. E sai à superfície com suas virtudes e defeitos [...] No domingo fui carregar o celular na Comisaría de Carabineros e também perguntar se tinham comunicação com Pelluhue, onde estava minha família. No mesmo momento em que diziam-me que não havia forma de se comunicar, eu escutava pelo rádio interno falar com Pelluhue. Ao voltar a casa, entrei num bar da praça da cidadezinha – lá havia eletricidade –, para assistir às notícias que transmitia a televisão. É um local onde almocei muitas vezes. O dono me olhou e fez um gesto de desgosto: se não consumir algo não podia ficar assistindo a TV”.

a verdade) a nenhuma delas, será contrastado com o discurso midiático, em especial, o televisivo, marcado pelo alarmismo e a “dispersão”; pelo caráter “fragmentário” e o “sistemático negativismo”:

No *lobby* dos encontros se colocaram cadeiras diante de uma televisão. Na madrugada do dia 27 esse canto estava lotado. Nos dias seguintes ficamos sem televisão, internet e telefone [...]

Quando o sinal voltou, poucos quiseram ver a televisão. O discurso dos noticiários se caracterizava pelo alarmismo e pela dispersão: desgraças isoladas, sem articulação possível. As imagens de desabamentos eram substituídas por cenas de saques. Não havia avaliações nem sentido da consequência. Uns caras foram pegos roubando uma televisão plana extra grande. Obviamente não se tratava de um objeto de primeira necessidade, ainda menos num local sem luz elétrica. Era um caso isolado? O crime organizado se apropriava dos eletrodomésticos? Abriam-se velhas feridas sociais, comunitárias, de geração? Os rumores substituíram as notícias [...]

O relato fragmentário e de sistemático negativismo por parte da mídia mostrou brigas de tribo e repetiu as severas declarações da prefeita de Concepción, Jacqueline van Rysselberghe, que pedia que o exército fizesse valer suas armas (VILLORO, 2010, p. 53).

Em pauta, dois tipos de fragmentariedade: a que se antecipa a declarar sua condição, a explícita e reflete sobre ela, sem que isso signifique renunciar à afirmação de certos sentidos em detrimento de outros, e a que escamoteia seu *modus operandi* mas impacta fortemente no ânimo e na sensibilidade coletivos. Mimetizando procedimentos como a interrogação retórica, que insinua ou afirma o supostamente inquirido, o texto mostra a imposição precipitada de um vetor unilateral de sentido que vai do desabamento ao saque,²⁹ do caso isolado ao crime organizado, das velhas feridas sociais ao temor à invasão (“falava-se de um povo que temia ser invadido por outro”), fazendo pairar a assombração de outro sismo no interior do próprio sismo:

O sismo chegou como um último desafio para uma presidenta com 84% de aprovação e como um amargo encargo para seu sucessor, o empresário Sebastián Piñera, que tinha prometido expansão e desenvolvimento no estilo *Disney World* e na madrugada do dia 27 descobriu que teria que suspender seus sonhos de pujança econômica para proceder com a cautela dos restauradores e dos antiquários.

²⁹ Sobre a função da delinquência no contexto atual e sobre a fragmentação da pobreza que promove, ao dividir a seus habitantes pobres entre “honestos consumidores e simples bandidos”, ver o esclarecedor artigo de Diamela Eltit “Globalización y producción de sujeto” (2008).

Muitas coisas estavam em jogo [...] As réplicas mais fortes do sismo podiam ser políticas (VILLORO, 2010, p. 53).

Em jogo, a sucessão presidencial, os eventuais erros ou abusos na atuação das forças armadas durante os dias que se seguiram ao terremoto, os clamores de pessoas como a prefeita de Concepción. O fantasma da réplica/repetição.³⁰

Sem transição (ou mais precisamente, logo após confrontar-nos outra vez à maneira de transição com duas cenas díspares: a visita a um

³⁰ Cito os principais trechos do artigo de Eltit mencionado no início deste trabalho, no qual se resgata o terremoto de 2010 no marco da derrota da Concertación (eleições 2009-2010) e da passagem de mando a Piñera. A publicação é contemporânea à conclusão do livro de Villoro, a julgar pela data de ambos os textos: “O extenso terremoto chileno que afetou mais da metade do país, seguido de um impressionante *tsunami*, acabou com centenas de vidas, derrubou cidades, povoados e uma parte importante das margens costeiras. A natureza falou de maneira implacável, como se um conjunto de deuses furibundos, habitantes de um universo arcaico, tivessem infligido um castigo que derrubasse a confiança ou a crença na modernidade e no progresso humano. Um terremoto e um *tsunami* que ocorreram conjuntamente, com a exatidão de um tempo político agitado e paradoxal. Sim. Porque, na leitura que provoca a aglomeração dos signos, se estabelece uma conexão entre o fim da era *concertacionista* chilena e esta dramática catástrofe ‘natural’ que chegou como uma escrita ininteligível, seja para fechar um ciclo político e social; seja para inaugurar outro. Ou, talvez, para ambas as coisas. Despedida e saudação simultaneamente. Depois da ditadura chilena marcada por crimes e abusos à cidadania por parte de agentes do Estado, e da depredação oportunista das empresas públicas, a *Concertación*, ao longo de vinte anos, num processo difícil, impuro, marcado pela perpétua negociação com a poderosa direita nacional, tentou a reconstrução cidadã que havia sido negada pelas forças militares [...] Michelle Bachelet, a primeira presidenta do Chile, carismática, inteligente, simples, orientada para os problemas sociais, não conseguiu a permanência da *Concertación*. Embora teve um nível de aprovação surpreendente, as preferências eleitorais inclinaram-se (com uma vantagem de somente três pontos) em favor do candidato da direita, que era na realidade quem melhor representava a ‘alma’ neoliberal na qual se baseou o intensificado modelo econômico. A cidadania elegeu um empresário milionário que apregoou com otimismo seus objetivos, fundamentados no futuro e na mudança [...] O terremoto e o *tsunami* de 27 de fevereiro destroçaram essa esperança [...] O sonho chileno do sucesso caiu por terra. No dia 11 de março, a passagem do mandato presidencial entre Michelle Bachelet e Sebastián Piñera tornou a pôr em cena a fragilidade. Justo no meio de uma cerimônia solene, as impactantes réplicas (alguns falam de um segundo terremoto) alertaram a população, já demasiado afetada, e também provocaram alarme entre os convidados internacionais que nunca tinham experimentado um sismo. Política, natureza e destruição pareciam escrever um livro assombroso para as análises do futuro. Agora, é preciso reconstruir parte do Chile. O presidente Piñera teve que renunciar ao esporte e ao *glamour*. Hoje usa uma roupa decorada com o escudo nacional. É trágico pensar nas vítimas e nos danificados. Mas o livro ainda não acabou. A verdade é que milhões de nós conservamos um medo atávico, ou literário, ou mítico, diante das réplicas (políticas e naturais) que se avizinham” (ELTIT, 2010).

condomínio de luxo nos arredores de Santiago, as equipes de resgate se debatendo no sul para retirar os corpos encapsulados na lama endurecida), o círculo do íntimo volta a instalar-se no discurso. E repentinamente a tela (da memória) projeta uma imagem e uma voz:

Alguns dias depois do terremoto, Daniel Goldín cumpriu um antigo desejo: visitar o túmulo de Salvador Allende. O líder que na adolescência fez com que acreditássemos no socialismo democrático permanece em nossa memória como uma inquebrantável figura sentimental. A cada 11 de setembro a televisão transmite algum documentário sobre o golpe de Estado de Pinochet. Os anos me informaram dos problemas e erros da Unidad Popular, e das ingênuas e arbitrarias decisões que esse governo tomou sem dispor da maioria absoluta. Entretanto, quando a tela mostra *La Moneda* em chamas e se ouve a voz do presidente legítimo do Chile, Allende volta a ter razão (VILLORO, 2010, p. 54-55).

A memória afetiva (a aderência de uma figura associada às crenças fraguadas na juventude), a avaliação retrospectiva (o juízo que revisa essas crenças a partir da maturidade e dos tropeços), a afirmação de uma “razão” (não de uma verdade, mas de um valor que a voz do cronista sustenta ao enunciar de novo, agora, outra vez) coexistem na irrupção intempestiva dessa imagem, sem que se resolva nem dilua a tensão entre essas temporalidades ‘simultâneas’. Um efeito análogo torna a produzir-se quase de imediato, ao prosseguir a narração. Daniel Goldín constata que o tremor também foi sentido no cemitério e regressa com alguns pedregulhos na mão:

Deu-me um no hotel. Era um pedaço de pedra triangular, cor bege.
 – É do túmulo de Allende – disse Daniel – uma lembrança do que vivemos aqui.
 Depois recitou-me o epitáfio, aquela frase que memorizamos quando jovens:
 “Muito mais cedo que tarde se abrirão as longas alamedas...”
 Guardei o pedregulho no bolso de minha calça e senti seu agradável e cortante fio até chegar ao México. Era como portar uma ode elementar de Neruda”
 (VILLORO, 2010, p. 55).

O túmulo, o epitáfio como gênero, o pedregulho como relíquia se orientam para trás e, de alguma forma, para o que foi vivido no México, durante a juventude. Mas também para o que acaba de ser vivido ‘aqui’, para o passado recente – quase presente metonimizado nas lascas que o sismo faz saltar. E, ao mesmo tempo, para o desejo, interrompido, suspenso nas reticências do epitáfio que se repete: “Muito mais cedo que tarde se abrirão as longas alamedas... por onde possa passar o homem livre para construir uma sociedade melhor”.

CODA

No item *Abandonar la biblioteca*, de *Mi padre, el cartaginés*, Juan Villoro refere a doação da biblioteca pessoal de Luis Villoro Toranzo à Universidade de Michoacán (não à da UNAM, na qual atuou como professor e pesquisador por muitas décadas). Desvencilhar-se dessa coleção que “narra a vida de uma mente” representa, para o filho, “mais que renunciar à posse dos livros”, “renunciar a necessitá-los” e manifestar-se “em favor da vida” (2013, p. 202), transformação mediada por uma longa e árdua construção teórica (em suma, pela biblioteca que se abandona). Nesse contexto, Juan Villoro recorda para si: “Os filósofos não fizeram outra coisa que interpretar o mundo de diversos modos; o que faz falta é transformá-lo”, reza a última das *Teses sobre Feuerbach*, que se tornaria o epitáfio de Marx no cemitério de Highgate” (2013, p. 203). E prossegue, à maneira de Monsiváis: “Passemos do materialismo dialético a outra forma da prospectiva, a psicomagia de Alejandro Jodorowsky: ‘Não podemos mudar o mundo; podemos começar a mudá-lo’. Dar de presente uma biblioteca não é uma forma da ação, mas uma profecia. O gesto não muda o mundo: anuncia que deve mudar” (2013, p. 203).

Em 5 de maio de 2015, catorze meses depois da morte de Luis Villoro Toranzo, o subcomandante Galeano (antes Marcos), convocou milicianos, bases de apoio e integrantes da sociedade civil a participar no Caracol Oventic, em Chiapas, de um ato em homenagem a Luis Villoro Toranzo e ao zapatista José Luis Solís (pseudônimo Galeano) assassinado um ano antes. Na cerimônia, que contou com a presença de Juan Villoro e da viúva de seu pai, Fernanda Navarro, ambos fizeram a entrega aos zapatistas das cinzas de Luis Villoro Toranzo. O gesto não muda o mundo; persevera na afirmação de que deve mudar. Lembra para frente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? In: _____. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2013, p. 7-22.
- BENCOMO, Anadeli. Carlos Monsiváis: discurso a dos voces. *Textos Híbridos*. University of California, vol. 1, n. 1, jul. 2011, p. 43-59.
- ELTIT, Diamela. Va a temblar. In: _____. *Signos vitales: escritos sobre literatura, arte y política*. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales, 2008, p. 166-170.

- ELTIT, Diamela. Globalización y producción de sujeto. In: _____. *Signos vitales: escritos sobre literatura, arte y política*. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales, 2008, p. 108-112.
- ELTIT, Diamela. Política del temblor. *El País de España*, 8/5/2010. Reproducido em www.lettras.s5.com. Página chilena al servicio de la cultura, 2010.
- GUMUCIO, Rafael. *Historia personal de Chile*. Los platos rotos: de Almagro a Bachelet. Santiago: Hueders, 2014.
- KLEIST, Heinrich Von. O terremoto do Chile. In: _____. *Novelas*. São Paulo: Melhoramentos, s.d.
- LLANES GARCÍA, Manuel de Jesús. *Idea de Hispanoamérica en la obra de Juan Villoro*. Tesis doctoral. Departamento de Filología Hispánica. Universidad de Barcelona, Barcelona, 2012. Disponible em: www.tdx.cat.
- MONSIVÁIS, Carlos. “No sin nosotros”. *Los días del terremoto 1985-2005*. Editores independientes. México: ERA; Santiago do Chile: LOM; Montevidéo: Trilce; País Vasco-Espanha: Txalparta, 2010.
- MONSIVÁIS, Carlos. *Antología esencial*. Presentación de Juan Villoro (Instantáneas hacia un cronista). Buenos Aires: Mar Dulce, 2012.
- MORÁBITO, Fabio. Materia dispuesta: curarse de la adolescencia. In: *Materias dispuestas: Juan Villoro ante la crítica* (org.: José Ramón Ruisánchez; Oswaldo Zavala). Barcelona: Candaya, 2011, p. 91-97.
- RUISÁNCHEZ, José Ramón; ZAVALA, Oswaldo. El malabarista: las genealogías de Juan Villoro. In: *Materias dispuestas: Juan Villoro ante la crítica* (org.: José Ramón Ruisánchez; Oswaldo Zavala). Barcelona: Candaya, 2011, p. 9-27.
- TOURNIER, Michel. El Mefisto o la dificultad de ser hijo. *Gaceta Universidad Veracruzana*, n. 100, jul.-dez. 2006, nueva época, p. 3-9.
- VILLORO, Juan. *Tiempo transcurrido. Crónicas imaginarias*. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.
- VILLORO, Juan. *Materia dispuesta*. México: Alfaguara, 1996.
- VILLORO, Juan. Iguanas y dinosaurios. América Latina como utopía del atraso. In: _____. *Efectos personales*. Barcelona: Anagrama, 2001, p. 107-115.
- VILLORO, Juan. Itinerarios extraterritoriales; ¿También tiene sus leyes el infierno? *Mefisto* de Klaus Mann. In: _____. *De eso se trata: ensayos literarios*. Barcelona: Anagrama, 2008, p. 172-187, 305-320.
- VILLORO, Juan. 8.8: *El miedo en el espejo*. Buenos Aires: Interzona, 2010.

VILLORO, Juan. El libro negro (de *Zafari accidental*: 2005). *Revista Nexos*. México, n. 372, dez. 2008.

VILLORO, Juan. Carlos Monsiváis (1938/2010). *Letras Libres*, México, jul. 2010.

VILLORO, Juan. Mariachi; Amigos mexicanos. In: _____. *Los culpables*. Buenos Aires: Interzona, 2011, p. 9-22, 75-112.

VILLORO, Juan. Los convidados de agosto; Un mundo muy raro. Los zapatistas marchan; Mi padre, el cartaginés. In: _____. *Espejo retrovisor*. México: Planeta, 2013, p. 157-171, 173-190, 191-213.

VILLORO, Juan. *La gota gorda*. México: Ediciones SM, 2013.